

uma "ponte" que leve de uma língua à outra, nada mais que uma ajuda para ler o original.

Resta-me chamar a atenção para a excelente introdução de Moema Parente Augel, a organizadora do livro. Trinta páginas relatam a história do negro no Brasil e sua posição atual na sociedade brasileira. É notável o sentido crítico, sem muita condescendência, com que Moema Parente Augel comenta os poemas apresentados. Encerra o livro uma pequena biobibliografia de cada autor da antologia.

Philippe Humblé

Universidade Federal de Santa Catarina

Hilário Franco Jr. *As Utopias Medievais*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1992.

Quais as utopias que acompanharam o homem medieval? O autor nos indica várias: a da alternativa/a heresia; a da paz/o claustro; a da simplicidade/o bucolismo; a da igualdade jurídica/Robin Hood; a da autonomia/Guilherme Tell, que são apenas um início de abordagem e já apontam para o possível reconhecimento da nossa porção/medieval.

Incentivo à reflexão não falta à medida que participamos do enfoque das utopias mais marcantes, que ocupam os capítulos centrais do livro: a da abundância/ a Cocanha; a da justiça/ o Milênio; a do sexo/ a Androginia e a utopia-matriz/ o Paraíso.

O autor destaca inicialmente a preocupação do homem medieval com a constante ameaça da fome. A falta de uma agricultura planejada, as dificuldades de transporte entre uma região e outra, agravadas pela existência dos pedágios que o sistema feudal impunha, além do desconhecimento de métodos de conservação dos alimentos causavam periodicamente longos períodos de carestia, que atingiam principalmente as camadas mais pobres, mas não deixavam de afetar também os indivíduos das outras classes sociais. E a fome, quase uma

constante, era ainda o menor dos males se comparado à carestia e à peste, "daí a busca de soluções simbólicas e imaginárias" (p. 26). Mitos e lendas populares medievais são manifestações da presença constante da utopia da abundância, que está também relacionada à idéia primordial do Paraíso Terrestre cristão, no qual o homem, sem trabalho e sem sofrimento, teria tido tudo à sua disposição e comida em abundância. Na citação de um dos contos de Boccaccio podemos visualizar um lugar onde "as vinhas eram atadas com salsichas", um pato podia ser comprado com um dinheiro, "se via uma montanha de queijo parmesão ralado" e corria um rio de vinho "do melhor que se bebeu" (p. 47). Inversão total, portanto, da realidade do homem medieval.

A segunda grande utopia liga-se a outro grave problema vivido pelo homem na Idade Média: a justiça. Como afirma o autor, "os elementos socialmente mais humildes (...) ficavam inevitavelmente à mercê de nobres, clérigos e funcionários reais ou feudais, muitas vezes donos de grande autonomia e de grande cupidez" (p. 54). Mais complexa, pois, que a primeira, a utopia do Milênio envolve a crença de "uma fase de paz, abundância e justiça" (p. 57) que aconteceria na terra trazendo felicidade ao homem antes do fim do mundo e da possível bem-aventurança da salvação celeste pós-Juízo Final. O autor busca as origens dessa crença e suas diversas versões medievais envolvendo a vinda do Anticristo e as especulações sobre os sinais indicativos do fim do mundo, além de levantar a questão das inúmeras profecias/heresias nas quais o elemento subjacente é a expectativa desse momento de paz e justiça.

A androginia, utopia do sexo, é abordada no capítulo seguinte e apresenta-se mais fragmentada e de certa forma menos acessível em suas concepções originais, já que a documentação foi "produzida majoritariamente por homens em um ambiente machista e mesmo misógino" (p. 81). Misoginia amplamente defendida pelos eclesiásticos que rapidamente quiseram se afastar da possível idéia da androginia ligada à figura de Adão. Se Eva foi tirada de Adão é porque este continha em si os dois princípios. E se a origem da palavra sexo reforça a idéia da separação, a união dos sexos tenderia a reunificar o que foi separado, daí o êxtase. Daí também o fato de a Igreja não aprovar o ato sexual puro e simples e pretender santificar

a união através do sacramento, que ao mesmo tempo fortalecia a supremacia masculina, tentando apagar “o mito do andrógino que implicava o feminino igualado e unido ao masculino” (p. 82). Exemplos extraídos da literatura são encontrados na mitologia céltica, com Merlin, nos séculos XII/XIII com Tristão e Isolda, que “longe da civilização que fragmenta o ser humano, tornavam-se um só” (p. 97), em Dante, que reencontra Beatriz no Paraíso, nas lendas sobre a papisa Joana, nas crônicas sobre Joana d’Arc.

Sexo e religião, sexo e história, sexo e sexos, a utopia do sexo “como instrumento de edenização” (p. 109) estava presente no discurso dos clérigos e nas narrativas populares: os primeiros tentando estabelecer categorias hierárquicas, os outros buscando se libertar social e sexualmente.

Por fim, o autor se detém na utopia que de certa forma está na origem de todas as outras: a do Paraíso, que representa basicamente a existência do lugar em que o homem encontraria beleza e fartura, teria sempre saúde, estaria em harmonia com a natureza, teria a seu alcance a imortalidade e acima de tudo, a unidade com Deus. E isto significa reverter a idéia do pecado original, sair da condição de faminto e doente, deixar de se perceber fraco e mortal. Em suma, retornar a um estágio que sempre lhe/nos foi negado. A utopia do Paraíso representa, pois, a macro inversão de toda a realidade medieval, de toda a realidade humana.

Impossível ler *As utopias medievais* sem ressaltar que o autor utiliza muitas obras literárias como fonte de sua pesquisa: *Il Tesoretto* de Brunetto Latini, *La Chanson de Roland*, *A Divina Commedia* de Dante Alighieri, *Il Milione* de Marco Polo, *Os Contos de Cantuária* de Geoffrey Chaucer, *Il Decameron* de Giovanni Boccaccio, os livros de fábulas da Idade Média. Como indicação das áreas de interesse, pois, na contra-capá, deveriam certamente figurar Literatura/Estudos literários, já que existe uma contínua correlação entre história/utopia/literatura.

O leitor que se sentir distante dessas áreas específicas encontrará de qualquer forma bons motivos para enfrentar o desafio de conhecer as utopias como quem lê uma história da qual *volenti o nolenti* todos fazemos parte.

A descrição minuciosa e ao mesmo tempo abrangente que

o autor faz das diversas manifestações do pensamento humano durante o período medieval, a busca das origens dos mitos e das aspirações do homem medieval permite presentir uma ligação muito mais nítida entre passado e presente, entre medieval e contemporâneo. A começar pelas utopias.

Maria Teresa Arrigoni
Universidade Federal Santa Catarina

DOSTOIÉVSKI DIRETO

Memórias do Subsolo, de Fiódor Dostoiévski. Tradução, apresentação e notas de Boris Schnaidernan. São Paulo, Editora Paulicéia, 1992.

São poucas ainda as línguas das quais se traduz diretamente para o português brasileiro. No entanto, nos últimos anos tem aumentado o número de traduções de línguas outras que os costumeiros espanhol, francês, inglês e italiano. Um pioneiro deste movimento animador, que fornece armas para o fortalecimento da cultura nacional, é Boris Schnaiderman, que agora nos entrega mais um precioso volume. Este livro inclui além do célebre "Memórias do Subsolo", os surpreendentes "O Crocodilo" e "Notas de Inverno sobre Impressões de Verão".

As "Memórias do Subsolo" já eram razoavelmente conhecidas no Brasil, através de traduções indiretas. O texto, dramático por excelência, ganha agora um sabor mais russo nesta tradução que mostra fortes marcas do original. Assim, os longos parágrafos do texto russo são mantidos, contrariamente ao que acontece, por exemplo, na versão suavizada de Ruth Guimarães (in *Os mais brilhantes Contos de Dostoiévski*, Rio, Edições de Ouro, 1966). As 50 cuidadosas notas de rodapé também oferecem ao leitor atento instrumentos para recons-